

A CRISE EUROPEIA

1—Esquissa de uma teoria bio-mecânica da história (resumo)

por ABEL SALAZAR

IV - O conflito

das classes biológicas

As duas grandes formas de ser do homem—a ciclotímica e a esquizotímica—transpostas para o campo social e colectivo, dão-nos em parte a chave da crise actual.

E se repararmos em que o esquizoideismo e cicloideismo são apenas, no fundo, a acentuação do esquizo e ciclotimismo, poderemos definir essa crise como um exaspero e choque das duas tendências humanas principais, a ciclotímica e a esquizotímica.

A crise social, como qualquer crise individual, manifesta o homem, acentua-lhe as arestas, num espasmo por vezes colérico; sómente, não é «uma soma», mas um choque de cóleras individuais. A cólera e sua forma é um sintoma característico de cada temperamento, rápida e sem rancor no ciclotímico, lenta e odienta no esquizotímico. A obra social, nos momentos de crise, conjuga e aglutina a obra de um e outro tipo, e acentua a tensão dos temperamentos, e faz assim vir à superfície o que em momentos calmos já obscurecido e latente, na vida social.

Estes sintomas esquizotímicos e ciclotímicos são perfeitamente visíveis, transparentes, na crise actual da Europa.

Todas as suas manifestações, literárias, artísticas, políticas, filosóficas e místicas, podem ser agrupadas em duas grandes classes:—ora estas duas classes, tão evidentes e definidas que nem precisam de discussão, correspondem exactamente à caracterologia esquizoide e cicloide.

A crise depende, assim, das atitudes sociais, intelectuais e morais destas duas classes, e do choque resultante destas atitudes. Tem-se insistentemente na «luta de classes», e com razão, como factor da evolução social; mas é preciso introduzir no conflito de forças históricas e sociais, a luta das classes esquizotímica e ciclotímica. Esta é ainda mais importante que a outra; porque, enquanto a luta de classes é um produto derivado da diferenciação dos complexos civilizados, o grande conflito ciclo-esquizotímico existe em qualquer fase desses complexos, ou mesmo fora deles, pois é inerente a um factor humano essencial, a divisão dos temperamentos.

Este artigo não é destinado a desenvolver este tema; é demasiado complexo para o poder fazer aqui; por agora queremos apenas chamar a atenção dos leitores para a necessidade de introduzir no estudo do problema social os dados da psico-somática. Uma série de artigos ligeiros, publicados, noutro jornal, serviram-me para familiarizar o leitor com o assunto:—se acaso os seguiu, e teve a curiosidade de consultar o magnífico livro de

Kretschmer por mim aconselhado—«La Structure du corps et le caractère»—poderá com facilidade apreender a importância geral da psico-somática, como chave para a explicação causal de muitos fenómenos de ordem intelectual, emotiva e social. Neste último caso, isto é, sob o ponto de vista social, o dado mais importante que podemos fazer derivar da psico-somática é, como dissemos, a introdução no conflito da oposição ciclo-esquizotímica.

Esta oposição pode conduzir a vários resultados: 1.º, equilíbrio ciclo-esquizotímico; 2.º, hegemonia esquizotímica; 3.º, hegemonia ciclotímica; 4.º, oscilação alternante ciclo-esquizotímica. Estas quatro situações conduzem o complexo social a outras tantas formas sociais de conjunto, que o leitor pode deduzir facilmente da caracterologia psico-somática, tomando em conta as características ciclotímicas e esquizotímicas, e as suas respectivas atitudes sociais.

Assim, o período áureo da civilização helénica é um equilíbrio ciclo-esquizotímico, o período de declínio, um desequilíbrio com hegemonia esquizotímica. O seu período arcaico ou medieval é igualmente de hegemonia esquizotímica, mas difere do período de declínio por que o primeiro é um período de «diferenciação», o segundo, (isto é, o de declínio) um período de «desdiferenciação» (1).

Da mesma forma—grosso modo—o período europeu que da Renascença vem até à Grande Guerra é uma fase de equilíbrio ciclo-esquizotímico: a crise actual—que o autor deste artigo considera «europeística» em início—uma fase da hegemonia esquizotímica. Actualmente uma constante oscilação esquizotímica se verifica, aqui pendendo para o esquizoideismo, além para o cicloideismo (Alemanha e Itália de um lado, Inglaterra do outro; França e Espanha em oscilação ciclo-esquizotímica).

Isto é devido a que os componentes do complexo europeu (nações) não têm todos a mesma idade; donde resulta que o movimento ou crise ciclo-esquizotímica não é um complexo igual nos seus elementos.

Pondo isto por agora de lado, resulta, em conjunto, a tendência actual para a esquizotímia, fenómeno este que é, em parte, a explicação causal do domínio exasperado das Místicas, facto que a meu ver caracteriza os períodos de declínio das civilizações (período «helenístico»; período «europeístico»).

Grosso modo, o movimento social e político tende a polarizar-se nos extremos, extrema-direita e extrema-esquerda; partindo destes extremos o

esquizoideismo diminui ao caminhar-mos para o centro, onde domina o cicloideismo. Mas este actua igualmente nas direitas e esquerdas, como existe igualmente esquizoideismo amorfo no centro: o movimento geral, que coincide com o que habitualmente se chama conflito das direitas e esquerdas, é complexo e não pode ser aqui desenvolvido. De uma maneira muito geral, podemos no entanto dizer que este conflito, quando passa à sua forma paroxística, crítica, é de nitido carácter esquizoide, isto é, devido à acentuação e hegemonia esquizoide de extrema-direita e extrema-esquerda.

A atitude social do esquizoide é, com efeito, extremista: branco ou preto, ou, como diz Kretschmer, «tudo ou nada», «fidalgo ou vagabundo».

O principal é o seguinte. O dinamismo político e social de tipo cicloide é sempre «nuancé» de tolerância, de adaptação ao Real, com ausência de manifestações autísticas; esse dinamismo tende a fundir-se na objectividade das coisas, como o cicloide nelas tende a diluir-se. O dinamismo esquizoide, pelo contrário, rema ferozmente contra a maré, tende a opôr-se brutalmente e categoricamente ao Real, a opôr-se contra ele numa feroz e intransigente oposição.

E' ou ferozmente conservador, ou ferozmente revolucionário; em qualquer dos casos idealizador rígido, imperativo categorico intransigente, construtor de esquemas abstractos. Caminha direito a um formalismo de aço, e concentra-se no Idealismo conservador ou revolucionário, como um reduto, desdenhando o Real. Vai assim direito a um conflito com as forças da Vida, cujas limitações e condições não atende, nem faz integrar nos seus sistemas abstractos, ideológicos formais.

Na Revolução francesa o conflito dos elementos cicloides e esquizoide é transparente; e a mecânica de todas as revoluções gira sempre em torno destas oscilações ciclo-esquizotímicas. E' curioso notar que o autor deste artigo as foi descobrir no Osirismo, revolução social que corta a história do Egipto muito antes da era de Thebas e de Luxor.

As manifestações fascistas e místicas de carácter nitidamente esquizoide são típicas no declínio da Grécia, antes e depois do domínio de Filipe:—e, como veremos, (1) elas têm exactamente as mesmas características que no actual momento: mística do Chefe, da Totalidade, Imperativo categorico, teatralidade, heroísmo romantico, etc., etc.

Um facto capital que desejo assinalar a este propósito, é que a intro-

(1)—Abel Salazar—O Mazdekismo e o Osirismo, inédito.

dução, como elemento explicativo causal, da psico-somática nestes fenómenos explica o facto bem conhecido, ou pelo menos evidente, do paralelismo existente entre as manifestações intelectuais, estéticas, morais e sociais, o qual encontra a sua explicação causal luminosa na psico-somática aplicada à história. Como em todas estas manifestações se imprime o carácter esquizotímico ou ciclotímico dos elementos que lhes dão origem, é perfeitamente natural que essas manifestações apresentem um fundo comum quanto à forma e sejam assim paralelas. E como por outro lado a forma social deriva de um conflito ciclo-esquizotímico constante, esta forma social tem de apresentar o mesmo colorido que as manifestações estéticas, intelectuais e filosóficas dominantes.

Assim, a psico-somática aglutina causalmente num todo estas manifestações, pondo-as em função do temperamento psico-somático e portanto—facto capital sob o ponto de vista filosófico—da estrutura do corpo humano», estrutura endocrino-somática.

A redução «Espírito-Matéria», feita, dentro dos limites da irreductibilidade de Tyndall, ou filosoficamente Idealismo - Materialismo, transfere-se desta forma para o campo histórico-social sob a forma de uma redução material dos fenómenos psico-históricos. E' fácil de ver a importância filosófica e científica desta redução, que estudaremos mais a fundo noutro local.

//

Por outro lado convém ainda salientar o seguinte. O conflito de cicloides e esquizoide faz-se dentro da mesma classe social, como o conflito de esquizoide entre si e se faz entre os extremos direito e esquerdo do complexo social. E' que a formação de classes sociais é um fenómeno mecânico-social enquanto as classes referidas são de ordem biológica. As classes sociais formam-se em resultado da diferenciação histórica e social do complexo; são o resultado inevitável da acção conjugada das potencialidades humanas realizadas com as forças económicas e outras. E constituem-se agregando em si biotipos muito diferentes, pícnicos, leptosómicos, atléticos e mesclados. Estes existem nas classes opressoras como nas oprimidas; embora nos falem dados estatísticos podemos prever que a percentagem é uniforme. Assim o conflito de classes biotípicas, estala ao mesmo tempo dentro de cada classe social e de um extremo ao outro destas classes, do polo direito ao polo esquerdo.

Este facto, evidente e manifesto, visível em todos estes conflitos, complica em extremo o mecanismo da movimentação política e social.

(Continúa na página imediata)